



Formas de Tânatos em *Édipo Rei*

Modes of Tânatos in *Édipo Rei*

Profa. Laura Lucy Dias - Pós-graduanda em Letras pela UniABC, Pesquisadora
em Iniciação Científica do GEPHILIS/UniABC.

Profa. Dra. Fernanda Verdasca Botton (Orient.) GEPHILIS/UniABC.

Resumo: Verificando a importância de Tânatos para a tragédia grega em geral e por termos em **Édipo Rei** três tipos de morte diferentes, esse artigo pretende trabalhar com a significação da escolha de cada tipo de morte contida na obra. Percebe-se que Tânatos é também uma personagem ativa neste tipo de texto, mesmo que não seja mencionado o seu nome, é ali um servo do destino que acaba atuando.

Palavras-chave: Tragédia Grega, **Édipo Rei**, Tânatos, Morte, Sófocles

Abstract: Noting the importance of Tânatos to Greek tragedy in general and having in **Édipo Rei** three different types of death, this paper aims at working with the significance of the choice of each type of death contained in this work. It is perceived that Tânatos is also an active role in this type of text, even if his name is not mentioned, it is a servant of the destiny that acts in the end.

Keywords: Greek tragedy, **Édipo Rei**, Tânatos, Death, Sophocles

“Entre todas as coisas, não ter nascido nem ver
o brilho do sol ardente é o melhor para os homens [...]”
(Teógnis)

Introdução

As tragédias gregas, em geral, recorrem aos serviços de Tânatos para a configuração de sua própria forma, pois a partir de mortes trágicas consegue-se tocar o público, como exemplo temos as obras **Antígona**, **Agamenon**, **Medeia** e **Ajax** entre outras. Deste modo, verificamos em **Édipo Rei** duas mortes efetivas pelas mãos deste ser mitológico, que são o assassinato de Laio e o suicídio de Jocasta, e uma terceira que é a de Édipo, simbólica por ser o seu exílio, que não é exercida diretamente pela morte, mas está em suas mãos a possibilidade de existir como é.

Nosso objetivo maior é entender a escolha de cada tipo de morte, o que cada uma significa no enredo, desde a sua forma simbólica até as convenções do gênero no qual se encontra a obra de Sófocles, assim como esclarecer se podemos julgá-las adequadas para o desenvolvimento do enredo.

1 - Tântatos na Tragédia Grega.

Como se sabe, as convenções da tragédia foram identificadas por Aristóteles em sua **Poética**. Entre elas temos a unidade de espaço que é a existência de um único local para a ação se desenrolar, a unidade de ação denotando um único acontecimento no qual os demais se entrosam para o desenvolvimento e desfecho e, por fim, a unidade de tempo, que se refere a um ciclo único de uma revolução solar (ARISTÓTELES, 2009).

Ainda temos dentre estas convenções elementos como a *hybris* que se refere ao momento de desafio aos deuses, o orgulho ou arrogância funesta do herói que em Édipo é o momento de recusa e fuga de Corinto; a *hamartia* que é a falha trágica que leva o herói ao infortúnio; a *anagnorisis trágica* que é o reconhecimento de quem se é, no caso de Édipo o assassino de seu pai, e marido de sua mãe; a *peripécia* que é a passagem a fortuna para o infortúnio do herói; a *catarse* que é o momento de comoção na platéia, quando o herói, que foi feito para que a platéia se identifique com ele, sofre as conseqüências de sua falha trágica com a *peripécia*. Dessa forma, temos em **Édipo Rei** todos os elementos para a constituição de uma obra de tragédia grega completa (*Ibidem*).

No geral, as peças eram mitos já conhecidos, como no caso de **Édipo Rei**, nosso objeto de análise, em que verificaremos a escolha das mortes para cada uma das personagens destinadas a tal fim.

Em relação aos tipos de morte na tragédia temos diversos, e há algumas convenções em relação a elas. Não se morre de uma maneira qualquer sem um motivo específico, ou não se morre de alguma forma sem se ser indubitavelmente quem é. Cada personagem tem uma morte que lhe é adequada, que lhe é convencional. Em **Édipo Rei**, elas não são o fato mais

importante, pois há a possibilidade dúbia de utilizar esta ou aquela convenção com Jocasta, e o porquê das mortes de Laio e de Édipo serem conforme são. Em relação à tragédia, temos a visão de que:

O trágico, expressão mais comum no nosso vernáculo, refere-se ao que traz a morte, a desventura, o calamitoso ou sinistro. Em seu sentido literário significa esplêndido, grandioso, não inteligível, e é geralmente negativo. (CORREA, 2006).

Desta forma, o trágico sempre acaba por envolver a morte que é o sentido negativo, e é um assunto que traz sentimentos de horror e piedade em cada espectador, visto que a reação deles é o foco do autor, é então necessário que seja adequado e cada desfecho das personagens que deverão morrer para o alcance da catarse.

A morte é um dos maiores temores do ser humano do século XXI, ou mesmo desde o advento do cristianismo e suas possibilidades de danação após o findar da vida. Este medo não era o mesmo tido pelos pagãos e filósofos da Grécia Antiga, o que podemos verificar por meio das tragédias e epopéias escritas neste período e contexto, que recebe Tânatos como personagem física ou apenas atuante, sua visão é quase um alívio em alguns casos, como acontece com Jocasta, e em outros passa a ser um alívio não merecido, como o de Édipo.

A morte é sempre uma possibilidade de mudança de estado, como sendo uma fase dentro dos *rituais de iniciação*, tanto podendo trazer o negativo do findar de algo quanto o de iniciar, podendo mesmo trazer a ascensão da alma (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2008, p. 621).

Tânatos para os gregos era o ser que findava a vida, deus da morte, representado pelo sexo masculino. Era filho da noite e irmão do deus do sono, tendo em si o poder de regeneração, assim como sua mãe e seu irmão (*Ibidem*). Ele é insensível e impiedoso, porém, no nosso caso, não aparece diretamente no texto que estamos analisando. Na verdade está implícito no que se refere à tragédia em geral. Porém, sabe-se que acima do destino não existe nenhum outro ser, todos se subjugam ao seu poder, assim como a morte, que é uma de suas agentes.

Sabe-se que o texto **Édipo Rei** foi escrito por volta do século V a.C., período no qual o inferno era simplesmente o mundo dos mortos, chamado de Hades. Lá ficavam todos aqueles que morriam, sem exceção (BRANDÃO, 2004). Para os gregos os rituais fúnebres eram muito importantes, de tal maneira que era respeitado por todos. Sobre eles, sabemos que o morto recebe os préstimos da família, que lhe enterra, - mesmo que cremado, seus restos são enterrados em uma urna - com seus pertences, assim como os facilitadores de sua entrada no Hades, a moeda a ser paga ao barqueiro e o bolo de mel para acalmar Cérberus, cão guardião da entrada e saída do mundo dos mortos.

Já da divisão do mundo dos mortos adicionados ao mito após os séculos VI e VII a.C., temos: o Tártaro, ao qual eram destinados os criminosos; o Érebo, onde encontramos gente de toda espécie que tenha cometido algum tipo de falta, e eram deixados por tempo indeterminado, até que tivessem a possibilidade de evoluir ou regredir, indo ao Tártaro ou mesmo indo para os Campos Elíseos, destinados àqueles que eram virtuosos e até poderiam reencarnar (*Ibidem*).

Passemos então a analisar a passagem de Tântatos por **Édipo Rei**, através de cada personagem morta no texto, em sua ordem cronológica.

2 - Laio.

Laio é pai de Édipo, que manda que o assassinem quando bebê, com o consentimento de sua mãe Jocasta, para tentar livrar-se do destino reservado aos três. Antes de se tornar rei de Tebas se enamorou de Crisipo, filho de Pélope, que ao rejeitar seu amor por ele foi seqüestrado, e de vergonha acabou por suicidar-se. Pélope amaldiçoou Laio a ser assassinado por seu filho que se deitaria com sua esposa. Há também a versão de que Laio foi quem inventou “os amores contra a natureza”, levando Hera à cólera por esse tipo de amor, considerado criminoso, conforme Guimarães (1999, p. 196).

Deste processo inicia-se o *guénos*, que é a hereditariedade do erro na prole. No caso de Laio, sucede-se em Édipo e em seus parentes com laços de sangue e mesmo com Jocasta, sua esposa (BOECHAT, s.d.).

Laio não é personagem atuante, mas é citado no texto em narrativa do que ocorrera com ele no passado, e pela necessidade de penalizar seu assassino, afinal já estava morto no início da ação. Ele simplesmente é morto por Édipo em uma encruzilhada como podemos ver na fala da própria personagem:

[...] Seguia eu meu caminho, quando cheguei ao cruzamento das três estradas; ali, surgiram-me pela frente um arauto, e logo após, um carro puxado por dois potros, e nele um homem tal como descreveste. O cocheiro e o viajante empurraram-me violentamente para que me arredasse da estrada. Furioso, eu ataquei o guia... O viajante sobre o carro esperou o momento em que eu passava e desferiu-me na cabeça uma pancada, com todo o peso do aguilhão dobrado. Ah! Mas dobrado também foi o modo como ele pagou por essa afronta; ergui o meu cajado de viajante, e bati-lhe, com esta mão; ele caiu, à primeira pancada, no fundo do carro. Matei-os todos. [...] (SÓFOCLES, 2005, p. 54)

A encruzilhada como local de morte de Laio tem como símbolo primeiramente a centralização do mundo para quem lá se encontra, devido a conversão de seus caminhos em um ponto único, assim como também é a passagem de um mundo para o outro (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2008), sendo ainda local propício para a realização do destino de ambas as personagens.

Laio é assassinado porque assim deveria se cumprir o destino, a forma de sua morte é devida a punição sobre seu caso não consumado com o suicida Crisipo, mas também é a sua passagem para o outro mundo. Com esta morte, pelas mãos do filho, ele poderia reconhecer a soberania do destino que lhe alcançara, do qual não conseguira fugir, mas ele não sabe que o seu algoz era o próprio filho, morreu pensando que havia fugido do destino, sem reconhecer a tal soberania.

Ao ser morto pelas mãos de Édipo, Laio conhecia o seu contexto de ter um filho assassinado, acreditava que o destino havia sido trapaceado no momento em que enviara Édipo a morte. A importância da forma da morte de Laio para si mesmo não faz muita diferença de imediato, mas faz diferença de maneira direta para Jocasta, Édipo e o reino, devido à ocorrência de uma

indevida noção de que o destino não se cumprira, e que estavam livres da desgraça profetizada, já que o filho dos reis estava morto e não poderia ter causado aquele assassinato.

A constatação da morte de Laio como um assassinato cometido por Édipo é que traz o devido significado para o texto, confirmando a força de Tântatos, que, como já vimos, age de acordo com a vontade do destino, que está acima do poder dos homens e dos deuses.

3 - Jocasta.

A mãe e esposa de Édipo é envolvida pelo destino de Laio ao casar-se com ele, pois recebe o infortúnio da maldição dele, que vem a ser confirmada pelo oráculo de Delfo quando consultado pela demora de o casal real obter um filho. Ela participa da história efetivamente, vindo a tentar acalmar Édipo na empreitada de acusar Creonte e Tirésias, sendo mal tratada por ele durante esta conversa. Ela procura mostrar para Édipo o quanto a morte de Laio fora um aviso de que o destino não havia se cumprido, acabando por confirmar a história de Tirésias e dos demais, porém mantendo-se irredutível na crença de que tudo se resolvera no dia em que entregou seu filho a morte. Como mulher que tem posição social, ainda acaba por se manter submissa ao homem, conforme as convenções da sociedade da Grécia Antiga, mas não se deixa levar pelo medo, tentando convencer Édipo de que tudo não passava de uma confusão. Podemos dizer sobre a submissão da mulher grega, conforme o próprio texto de Sófocles, da grande confirmação da mulher e mãe submissa que entrega o filho a morte, segundo a vontade de seu marido e pai da criança devido a profecia lançada, e ainda quando, por exemplo, temos na fala de Édipo esse vestígio: “[...] Agora eu, que herdei de Laio o trono, seu leito e sua esposa [...]” (2005, p. 36), o que demonstra que a mulher era um objeto pertencente a sociedade em último plano, visto seu marido e legítimo dono estar morto, a rainha desta cidade então é dada como prêmio ao herói, e ela aceita, convivendo com ele e lhe dando filhos, num casamento armado para as conveniências da situação.

Como já comentamos, percebe-se nas tragédias gregas um fato convencional que é a divisão dos tipos de morte que costumam ocorrer, sendo elas específicas de certos tipos de personagens (LORAUX, 1985). À mulher na tragédia não é reservada uma morte heróica, ela sempre acaba cometendo suicídio ou sendo assassinada, pois a morte heróica é reservada ao homem. Tudo o que a mulher recebe é de seu marido, mesmo morta, a sua lembrança está dentro da família da qual fez parte, vivendo enclausurada em sua casa e, se houver mérito, será lembrada pelo viúvo, se não, será enterrada e esquecida. O mérito da esposa e mãe, no lar, é o de “ter uma vida de devotamento e de afeição, de bom humor e de reserva” (*Ibidem*, p.24, 1985). No caso das mulheres, há o tipo de morte de mãe, de esposa ou de virgem.

Como conceber a dupla imagem de Jocasta, em sua posição de mãe e esposa de Édipo no momento de seu suicídio. Louraux (*Ibidem*) mostra que, em relação às mortes femininas nas tragédias, o mais comum à mãe é o suicídio pela lâmina, visto a ligação com o parto, que verte sangue pelo nascimento do filho. Já no caso da esposa, a morte não pode ser bruta a ponto de verter sangue, devido a sua posição de provedora de conforto à família, e que não pode, de forma alguma, causar constrangimento ao marido.

Não podemos dizer que simplesmente a escolha de morte de Jocasta é um tipo de convenção, visto a ocorrência conforme a que vimos com a autora, mas sim que no caso da personagem há um indício que poderia trazer tanto o suicídio por lâmina, por ser mãe, quanto pela corda, por ser esposa.

A corda, em relação ao simbolismo, está ligada a ascensão, o desejo de subir ou elevar-se, de livrar-se, no caso de Jocasta, como mãe e como esposa, de sua vergonha e ignorância. E também pode se referir ao fio da vida, a ligação do ser humano a existência na terra (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2008), como se, ao atá-la ao pescoço, Jocasta procurasse mudar seu vínculo, trazendo Tântatos para a fase de sua transição, findando a vida e ligando-a ao além, trocando a corda da vida pela corda da pós-vida.

O enforcamento em si é visto como uma morte muito mais suja que qualquer outro tipo de suicídio, este que ainda é tipo de morte reservada à mulher. Enforcar-se é infame, “[...] mácula máxima que uma pessoa se inflige

sob o golpe da vergonha. [...]” (LORAU, 1985, p. 30-31), O suicídio de Jocasta, além de ser uma morte de mulher, é uma morte causada pela vergonha.

O orgulho de Jocasta ter fugido do seu destino se transforma em vergonha mais profunda, pois ela se vê presa a toda a trama amaldiçoada lançada sobre a sua família, e seu crime de deitar com seu próprio filho e assim também dar a ele filhos irmãos, e a si filhos netos, é algo que ela não podia suportar.

A escolha de morte como esposa é a que mais faz sentido para o texto **Édipo rei**, de Sófocles devido a suas falhas de esposa serem maiores que as de mãe, em relação à quantidade de erros, pois quando deu a Édipo sua cama e seus filhos, e se somarmos o erro de dar cada filho a um só irmão, falhou muito mais como esposa que como mãe com cada um dos outros filhos separadamente. Ser esposa de Édipo era maior falha que ser mãe dele, pois a falha de ser sua mãe, paradoxalmente seria a de ser sua esposa.

4 - Édipo

A escolha de Édipo, em relação a sua *morte* ser o exílio, é algo a se discutir, pois ele tem dois momentos de expatriação. O primeiro, na fuga de Corinto e, o segundo, é o exílio que se auto-inflige devido a descoberta de sua condição em relação ao seu antecessor em Tebas, não só por ele já ter assim condenado o assassino desconhecido de Laio como também pelo seu próprio terror diante a *peripécia* sofrida.

Édipo sofre a *anagnórisis trágica*, quando ele reconhece seu erro e passa da boa para a má fortuna. Ele simplesmente cai sobre a teia formada pelo destino e se faz vítima da maldição lançada sobre si devido ao *guénos* gerado pelo erro de Laio, cometendo a *hybris* ao receber a profecia do oráculo de Delfos e fugir de Corinto.

Édipo condena o assassino de Laio, no caso de se entregar, assim como vem a fazer quando se descobre culpado, apenas ao desterro e não a morte, de forma a:

[...] que nenhum filho deste reino, cujo comando está em minhas mãos, dê abrigo a esse indivíduo, seja ele quem

for; que não lhe dirija a palavra, não o aceite nos cultos nem divida com ele a água lustral. [...] (SÓFOCLES, 2005, p. 35)

Como se vê, em momento algum condena o assassino a morte, por encontrar no ato do exílio e da vida miserável até o fim dos dias a maior punição que possa dar ao assassino de um rei.

Podemos dizer que Édipo simplesmente acata a própria ordem se exilando, mas isso seria pouco, visto que a condenação veio de si enquanto rei, e, enquanto assassino, ele se auto-infligiu a cegueira.

Em sua posição de decifrador de mistérios, Édipo era orgulhoso, tudo o que conseguira fora pela astúcia, como se, no momento de sua desgraça e fuga, conseguisse se livrar de todo o mal profetizado antes desta viagem e recebido glórias ao invés de infortúnio. No fim das contas, verifica que tudo o que tem não era de seu direito, ainda mais da forma que usufruía; ter fugido do destino, resolver um enigma e salvar Tebas, seus motivos de orgulho não poderiam mais sê-lo, pois neste seu caminho acabou cumprindo a maldição lançada sobre seu pai, se desgraçando.

O seu orgulho é definitivamente encontrado nas atitudes tomadas contra Creonte e Tirésias, por exemplo, visto ele ter posição de homem sábio para os tebanos, ainda assim Édipo não vê a realidade e conforme nos mostra Gonçalves:

Dominado pela *híbrys*, o ânimo soberbo que conduz o herói à catástrofe, Édipo deverá necessariamente pagar pelas limitações do entendimento humano, de tal forma que, ironicamente, o decifrador de enigmas da mitologia clássica sofrerá pela sua hamartia, impossibilitado como está de ver ou de reconhecer a sua própria verdade (2002, p. 66).

A preferência pelo exílio ao suicídio por Édipo tem relação com o fato do gênero e personagem de herói, Édipo é homem e foi herói de Tebas, mesmo sendo apenas parte da sua caminhada ao infortúnio, ele não tem características femininas para ter morte de mulher, e são poucos os casos de suicídio masculino nas tragédias (LORAU, 1985). Não cabe ao herói nenhuma forma de se auto-infligir a morte, estaria fora das convenções, visto

pelas palavras de Loraux (*Ibidem*, p.27): “Em virtude da honra heróica que a tragédia se compraz em recordar, a morte de um homem só poderia ser a de um guerreiro no campo de batalha”, Édipo é herói e não está em batalha, mas acima disso, sua escolha por um tipo de *morte* em vida é muito mais simbólico.

Por que cegar-se? Édipo pertence a uma geração maculada e carrega em si o estigma de seu progenitor, é condenado desde antes de seu nascimento. Ao ver o ato de suicídio de Jocasta, sua mãe e mulher, fura os olhos como penitência, não por ter errado em ser pai de seus irmãos e assassino de seu pai, e sim por ele ter deixado a luz da soberba lhe cegar a ponto de não ver que era um pobre ser humano que não tinha poderes para fugir ao seu destino. Ele vaza os olhos, pois eles não lhe adiantaram para ver a verdade, o que vê não enxerga, e ainda podemos verificar neste fato o símbolo de vidência, de sabedoria, o que é cego vê (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2008), afinal Tirésias que não via pelos olhos carnis sabia da verdade, e depois que Édipo descobre a verdade ele também se torna cego. Demonstração maior de que o faz pelo mal causado por seu orgulho é o fato de ter ofendido o sábio pela própria cegueira. Vaza os olhos para que não possa ver seus pais no Hades (SÓFOCLES, 2005), pois é indigno disto, e mesmo assim não merece ter a paz de estar em novo nível de evolução, preferindo que seu desterro seja sua condenação; cego, mas com pleno conhecimento de sua própria condição, acaba sua vida de forma miserável. Ao recusar-se de tomar Tântatos para si e preferir o desterro, Édipo acaba por abrir mão de seu direito de ritos funerários, assim como descritos anteriormente, por exemplo, visto que não temos neste momento a perspectiva de seu futuro que será contado na próxima obra de Sófocles sobre este mito, **Édipo em Colono**.

O Coro indaga a Édipo sobre sua escolha: “Não sei te dizer sabiamente, ó Édipo... Não te seria melhor a morte a viver na cegueira?” (SÓFOCLES, *ibidem*, P.72), ao que ele responde que fez o que deveria, pois conforme dito acima, a cegueira de Édipo lhe mostra a sua real condição. Neste momento, ele sabe a realidade e suas escolhas condizem com sua nova situação, agora ele viverá de forma miserável e ciente de tudo o que havia feito de mal em sua vida, passaria o resto de seus dias fazendo o máximo para

pagar os seus atos, mesmo sabendo que este isso seria pouco para o tamanho de sua dívida, esse pagamento não é a cegueira como sofrimento.

O exílio é o pagamento de sua dívida e a morte, afinal é para ele a perda de identidade, a rejeição da massa, o reconhecimento de sua imoralidade. Morrer para ele poderia trazer alívio, visto o fato de Tânatos ser a transição para o Hades, mas ele ainda precisava se redimir de sua *hybris*. Ele foi digno por não ter aceitado o alívio que seria Tânatos. Podemos dizer que o seu exílio foi como seu *ritual de iniciação* para a nova fase de sua vida, que seria apenas a de redimir-se, como quem agora poderia dizer-se sábio e desterrado, alguém que não podia mais ter qualquer coisa de que se regozijar em seus feitos e seu passado. Porém, em **Édipo em Colono** verificamos a sua transição, seu *ritual de iniciação* que traz para a sua vida a chegada à cidade do título, na qual cumpre com seu destino e chega ao fim de sua vida, trazendo a prosperidade ao local no qual foi enterrado, conforme podemos ver na resposta de Teseu a Antígona, quando solicita ver o túmulo do pai nesta obra:

Filhas, vosso pai determinou
que ninguém ousasse aproximar-se daquele sítio
e que a mortal nenhum fosse revelado
o sagrado lugar em que dorme.
Se eu cumprir esta ordem, garantiu-me,
esta terra prosperará livre de males.
Um deus guardou estas palavras,
o Juramento de Zeus, a quem nada escapa.
(SÓFOCLES, 2007, P.139)

5 - Conclusão

Podemos perceber que a morte destas personagens serve para gerar no público a *catarse*, visto que sua *hamartia* é devido a coisas que não lhe foram possíveis controlar. Após o cometimento de sua *falta trágica*, pode-se dizer que:

é precisamente essa situação paradoxal do drama trágico, de o herói ser culpado sem o ser, que suscita no espectador tanto o *páthos* do terror quanto o da comiseração (BOCAYUVA, 2008).

A inocência aparente de Édipo não o redime de seus atos e isso leva a que toda a comoção seja gerada, da mesma forma que os tipos de mortes

escolhidas, causem um desfecho adequado a todos os sentimentos causados pela tragédia.

A própria sensação de que a ignorância do que aqueles atos cometidos por cada personagem gerariam, ainda assim não pode trazer à personagem a libertação. O desfecho trágico do exílio de Édipo vem em consequência a sua *hybris* e o fato de ele não saber-se filho de Laio e Jocasta não o isenta da culpa. O suicídio de Jocasta demonstra que as consequências de seus erros ainda lhe pertenciam, ainda que desconhecesse a descendência real de Édipo. E o assassinato de Laio devido ao parentesco desconhecido entre ele e seu algoz não trazem nenhum alívio a culpa do ato de cada um deles.

Estas mortes revelam na obra definitivas questões de convenção e simbologia, as quais servem para marcar cada uma das características pertencentes a Tragédia Grega.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES **Arte poética**. [S.l.]: Domínio Público, disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000005.pdf>>. Acesso em 1 de mai. de 2009.

BOCAYUVA, Izabela. Sobre a catarse na tragédia grega. **Anais de filosofia clássica**. Vol. 2, n.3, Rio de Janeiro: 2008

BOECHAT, Walter. **Culpa e Cumplicidade: Édipo e Jocasta**. [S.l.]: Instituto Junginiano do Rio de Janeiro. S. d. Disponível em: < <http://www.ajb.org.br/jung-rj/artigos/culpa.htm> > . Acesso em 28 abr. 2009.

BRANDÃO, J. **Mitologia grega**. 18 ed. Vol. 2. Petrópolis, Vozes: 2004. 405 p.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 22 ed. Rio de Janeiro, José Olympio: 2008. 996 p.

CORREA, Carlos Pinto. **O trágico e a tragédia, vinculação e escolha**. *Cogito*. [online]. 2006, vol.7 [citado 27 Maio 2009], p.41-47. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792006000100007&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1519-9479.

GONÇALVES, Virgínia Maria. *Antonio Marinheiro (o Édipo de Alfama): o Édipo da era dos complexos*. **Terra roxa e outras terras**. Londrina, vol. 2, 2002, p. 63-78.

GUIMARÃES, Ruth. **Dicionário de mitologia grega**. São Paulo, Cultrix: 1999. 318 p.

LORAUX, Nicole. **Maneiras trágicas de matar uma mulher**: imaginário da Grécia Antiga. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro, Jorge Zahar: 1985.

SÓFOCLES. **Édipo em Colono**. Trad. Donaldo Schüller. Porto Alegre, L&PM: 2007. 142 p.

SÓFOCLES. **Édipo Rei & Antígona**. Trad. Jean Melville. São Paulo, Martin Claret: 2005. 143 p.